FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS

Associação Jaboticabalense de Educação e Cultura
Rua Floriano Peixoto, n.º 873 – CEP. 14870-370 – Jaboticabal-SP.

CERTIFICADO

A Faculdade de Educação São Luís, tendo em vista os resultados obtic
por **Rosana Pereira Domingues**, RG. 16.316.367, no curso de Pós-Graduaç
Lato Sensu, em nível de Especialização, na área da Educação, em **Ling
Portuguesa, Compreensão e Produção de Textos**, com carga horária de 4
horas-aula, confere o presente certificado de conclusão de curso.

Jaboticabal, 29 de julho de 2008.

Salete Aparecida de Oliveira Costa
Secretária Geral RG.: 9.059.842-8
Reg. MEC 330161

Concluinte

Iracê Miriam de Castro Martins
Diretora Geral RG 1.562.172
Reg. MEC F. 7.565

FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS

Associação Jaboticabalense de Educação e Cultura

Curso de Pós-Graduação Lato Sensu – Especialização: LÍNGUA PORTUGUESA, COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Área de Conhecimento: Educação

Rosana Pereira Domingues — RG: 16.316.367

DISCIPLINAS	CORPO DOCENTE	TITULAÇÃO	CARGA HORÁRIA	RESUL D AVALI
LINGUA PORTUGUESA E ASPECTOS GRAMATICAIS	DJENANE SICHIERI WAGNER CUNHA LUIZ ROBERTO WAGNER	MESTRE DOUTOR	160	1
TÉCNICAS DE REDAÇÃO	LUIZ ROBERTO WAGNER	DOUTOR	60	9
INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO TEXTUAL	DJENANE SICHIERI WAGNER CUNHA	MESTRE	150	1
METODOLOGIA CIENTIFICA E INICIAÇÃO À PESQUISA	MARIA CAROLINA DE GODOY	DOUTORA	30	1
		TOTAL:	400 H/A	

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO: VÍCIOS DE LINGUAGEM
Resultado da Avaliação: 8,0

Base Legal:

1 – Credenciamento: Portaria MEC nº2584 de 22-07-2005 D.O.U de 25-07-2005;
Portaria MEC nº62 de 16-01-2002 D.O.U de 18-01-2002, seção I página 26;
2 – Resoluções CES/ CNE nº1 de 03-04-2001 D.O.U. de 09-04-2001 e nº1 de 08-06-2007 D.O.U de 08-06-2007;
3 – Período de Realização: 18-08-2007 a 14-06-2008;
4 – Local: Núcleo São Paulo – Zona Leste - Rua Angá nº 395 - Vila Formosa - São Paulo - S.P.

Declaramos, para os devidos fins, que o curso cumpriu as disposições estabelecidas nas Resoluções CES/CNE nº1/2001 e nº1/2007.

REGISTRO DE CERTIFICADO Nº 39 **LIVRO** 1 **FOLHA(S)** 65 **EM** 29 / 0

ROSANA PEREIRA DOMINGUES

VÍCIOS DE LINGUAGEM

FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE SÃO PAULO – ZONA LESTE
JABOTICABAL – SP
2008

ROSANA PEREIRA DOMINGUES

VÍCIOS DE LINGUAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luis, como exigência parcial para a conclusão do CURSO de Pós-Graduação Lato Sensu em Língua Portuguesa, Compreensão e Produção de Textos.

Orientadora: Profª. Vanessa De Bello

FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE SÃO PAULO – ZONA LESTE
JABOTICABAL – SP
2008

Dedicamos

ao meu pai, como exemplo de vida, ao superar dificuldades com sua iniciativa, criatividade e paciência.

AGRADECIMENTO

À Profa.Vanessa De Bello, por sua dedicação e orientação.

Aos Professores tutores, pelo constante apoio.

Aos colegas de curso de pós-graduação, pelo incentivo.

"Aprender uma língua não é memorizar regras, mas sim deixar que seu espírito tome conta de nós. É quase uma rendição. Nós falamos a língua portuguesa, mas ela também fala por nós".
(SILVA, 2007, p. 91)

RESUMO

Vícios de linguagem são erros cometidos por falta de conhecimento da norma culta. Objetivamos, com este trabalho, identificar as principais categorias de vícios de linguagem e por meio de exemplificações, apontar as respectivas correções. Procuramos, no cotidiano, as ocorrências mais comuns, principalmente no momento da pronúncia e ressaltamos, em alguns casos, influências internas e externas que contribuíram para o erro. Demonstramos a utilização intencional de vícios de linguagem como forma de facilitar a comunicação. Indicamos, também, meios de evitar a ocorrências desses erros.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 08

1 DEFINIÇÃO 10

2 CATEGORIAS PRINCIPAIS 11
2.1 Barbarismo 11
2.1.1 Galicismos 11
2.1.2 Anglicismos 12
2.1.3 Barbarismo Fonético 12
2.1.4 Barbarismo Morfológico 12
2.1.5 Barbarismo Semântico 13
2.1.6 Barbarismo Ortográfico 13
2.2 Solecismo 13
2.2.1 Solecismo de Concordância 14
2.2.2 Solecismo de Regência 14
2.2.3 Solecismo de Colocação 14
2.3 Anfibologia 14
2.4 Obscuridade 15
2.5 Cacofonia 15
2.6 Hiato 16
2.7 Eco 16
2.8 Colisão 16
2.9 Pleonasmo 17
2.10 Preciosismo 18
2.11 Provincianismo 18
2.12 Neologismo 19

3 OCORRÊNCIAS NO COTIDIANO 21

CONSIDERAÇÕES FINAIS 24

REFERÊNCIAS 26

INTRODUÇÃO

Vícios de linguagem ocorrem muitas vezes despercebidos, no momento da fala e da escrita, em face da falta de conhecimento do nosso idioma, por esse motivo foi escolhido como tema para o presente trabalho, com o intuito de identificá-los e corrigi-los.

Esses erros foram divididos em categorias, com suas respectivas definições.

Utilizamos diversas exemplificações, em todos os tipos relacionados, como forma de facilitar sua visualização.

Demonstramos, com este estudo, como são freqüentes suas ocorrências no nosso cotidiano.

Após variada pesquisa bibliográfica, identificamos algumas influências regionais e estrangeiras, que colaboraram para que alguns vícios de linguagem se perpetuassem.

Destacamos a criação de novas expressões no nosso idioma, por necessidade de melhor especificação, para atender o permanente progresso científico e industrial.

Consignamos, no entanto, a utilização desses vícios de linguagem como recursos sonoros, na poesia e prosa rimada.

Observamos que os propagandistas e jornalistas, mesmo sendo conhecedores das regras gramaticais, utilizam-se desses vícios como ferramentas de comunicação.

Salientamos, ainda, a freqüência desses erros cometidos por professores, no ensino de outras matérias.

1 DEFINIÇÃO

Podemos defini-los como erros de expressão de caráter relativamente generalizado, cometidos, por ignorância ou descuido, no momento da fala ou da escrita, dificultando, em conseqüência, a manifestação do pensamento.

Os principais Vícios de Linguagem são:

1. Barbarismo
2. Solecismo
3. Anfibologia (Ambigüidade)
4. Obscuridade
5. Cacofonia
6. Hiato
7. Eco (Assonância)
8. Colisão
9. Pleonasmo
10. Preciosismo (Arcaísmo)
11. Provincianismo

Por meio de exemplificações, apontaremos esses erros, cometidos de forma equivocada e as respectivas correções e, em alguns casos, as suas origens.

2 CATEGORIAS PRINCIPAIS

2.1 **Barbarismo** (Estrangeirismo)

É o emprego de estrangeirismo, consiste em erros de natureza fonética, morfológica, semântica ou ortográfica.

Segundo Cruz (1966, p. 174)

> Ninguém poderá evitar que o francês, o inglês (hoje línguas dominantes no mundo, o francês na diplomacia, e o inglês no comércio e no cinema) e outras línguas imponham termos e expressões aos povos, pois a rapidez de comunicações e as necessidades provenientes do cosmopolitismo hão de produzir fatalmente línguas mescladas de estrangeirismo.

As palavras de origem estrangeira normalmente passam por um processo de aportuguesamento fonológico e gráfico. Muitas vezes deixamos de perceber que estamos usando um estrangeirismo.

Os tipos mais freqüentes dos estrangeirismos são os **galicismos** e os **anglicismos** (palavras, expressões ou construções de origem francesa ou inglesa).

2.1.1 Galicismos:

Charge – em vez de caricatura

Carnet – em vez de talão

Chance – em vez de possibilidade, ocasião, oportunidade

Complot – em vez de motim, revolta

Gafe – em vez de equívoco, engano

Matinée – em vez de vesperal

Menu – em vez de cardápio

2.1.2 Anglicismos:

Basquet-ball – em vez de basquetebol

Drink – em vez de bebida

Jockey – em vez de jóquei

Pedigree – em vez de linhagem

Performance – em vez de atuação, desempenho

Marina Hotel – em vez de Hotel Marina

2.1.3 Barbarismo Fonético (Cacoépia ou Sílaba) :

[do grego Kakós = mau + épos = pronúncia +ia]

Nóbel – por No*bel*

Sútil – por su*til*

Décano – por de*c*ano

Líbido – por li*bi*do

Rúbrica – por ru*bri*ca

Textíl – por *têx*til

Interím – por *ín*terim

2.1.4 Barbarismo Morfológico:

Eles vem – em vez de eles vêem

A champanha – em vez de o champanha

O cal – em vez de a cal

O dinamite – em vez de a dinamite

Ele interviu – em vez de ele interveio

A clã – em vez de o clã

2.1.5 Barbarismo Semântico:

Delatar (denunciar) – em vez de dilatar (estender)

Vultuoso (inchado) – em vez de vultoso (de grande vulto)

Deferimento (concessão) - em vez de diferimento (adiamento, negação)

2.1.6 Barbarismo Ortográfico:

Conhecido por Cacografia (nome que se dá aos erros ortográficos):

Picina – por piscina

Geito – por jeito

Flexa – por flecha

Adolecente – por adolescente

Mágua – por mágoa

2.2 Solecismo

Denominou-se solecismo, porque em Soles, colônia grega, havia muitos vícios de linguagem desta natureza. É o erro de sintaxe, principalmente recai sobre a concordância, regência ou a colocação, caracteriza-se na fala brasileira, pela espontaneidade, sobretudo na linguagem familiar e popular.

2.2.1 Solecismo de Concordância:

Falta quinze minutos – em vez de "Faltam quinze minutos"

Haviam diversas pessoas no almoço – em vez de "Havia diversas pessoas no almoço"

O pessoal já chegaram – em vez de "O pessoal já chegou"

Nóis vai - em vez de "Nos vamos"

2.2.2 Solecismo de Regência:

Paguei o motorista – em vez de "Paguei ao motorista"

Assisti uma cerimônia – em vez de "Assisti a uma cerimônia"

Cheguei no Recife – em vez de "Cheguei ao Recife"

2.2.3 Solecismo de Colocação:

O pai o esperava na estação. - em vez de "O pai esperava-o na estação."

De nada valeram-lhe os padrinhos. - em vez de "De nada lhe valeram os padrinhos."

Me darás ou não o tal convite? - em vez de "Dar-me-ás ou não o tal convite?"

Todos já foram-se. - em vez de "Todos já se foram."

Não sabe-se o motivo. - em vez de "Não se sabe o motivo".

2.3 **Anfibologia** (Ambigüidade)

É a construção imperfeita de uma frase ou período, gerando mais de um sentido ou interpretação duvidosa:

"Célia Regina matou."

Não se sabe se foi Célia que matou Regina ou se foi Regina que matou Célia.

"Ama o filho a boa mãe."

Dá-se o mesmo caso. O sujeito do verbo *amar* confunde-se com o seu objeto direto.

"Ele prendeu o cachorro em sua casa."

Questiona-se na casa do sujeito o na do cachorro.

"Fidel Castro receberá o Papa fortalecido."

Quem está fortalecido? Fidel ou o Papa?

2.4 Obscuridade

Ocorre por uso incorreto da pontuação, na inversão da ordem lógica dos termos da oração e no excesso e entrecruzamento de aspectos, fatos ou idéias dentro do mesmo período, deturpando ou falseando o verdadeiro sentido das frases, orações e períodos:

Neste estádio não jogou orgulhoso time tão pequeno. (= estádio tão pequeno)

2.5 Cacofonia

É a palavra resultante de duas ou mais sílabas, geralmente provindas do final de um vocábulo e do começo de outro, formando palavras de sentido indecoroso, ridículo ou obsceno:

Reparem na bo*ca dela*.

João tinha *fé de mais* no gerente.

Seu time nun*ca ganha* um Jogo.

Salientamos que não devemos condenar casos como: u*ma má*quina; *cá co*nosco; pe*gá-lo*; e outros necessários.

2.6 Hiato

É a seqüência de vogais, com efeito desagradável:

Serei *eu ou ou*tro aluno.

Sei que Luz*ia ai*nda ir*ia aí.*

*Se aí a á*gua é boa, vou bebê-la.

Há hiatos, porém, que não são vícios, porque não podemos exprimir-nos de outra maneira: A água; a Ásia.

2.7 **Eco** (Assonância)

É um efeito acústico, de rimas desagradáveis, provenientes da repetição da mesma vogal tônica a curtos intervalos:

Clem*ente* s*ente* dor num d*ente.*

É l*ento* o movim*ento* do regim*ento* no mom*ento.*

Era minha intenç*ão* a criaç*ão* de uma fundaç*ão* dessas.

O Dout*or* curou a d*or* do domad*or.*

"Hoje, em literatura, vêem-se trechos de prosa rimada. É uma feição original, de que muitos gostam. Literariamente, encontra-se ainda o eco para produzir um efeito onomatopéico, isto é, imitativo" (Cruz,1966, p. 182).

2.8 **Colisão** (Aliteração)

É a freqüência ou encontro de sílabas com a mesma consoante, de que resulta som desagradável:

*T*eu *t*io *t*em *t*empo para pintar.

*J*orge *j*á *j*antou.

*Sem sa*ber, *saí sem sa*patos.

O astro-*rei rei*na *re*luzente.

Com relação a esses recursos sonoros, Pasquale & Ulisses (1997, p. 572), observam:

> A poesia, principalmente, explora esses e outros recursos sonoros da linguagem. O estudo dos ritmos e dos padrões métricos da linguagem poética foge ao âmbito dos estudos gramaticais. Para conhecê-los, devem-se procurar as obras especializadas e principalmente os bons poemas da língua portuguesa.

Para Silva (2007, p. 21)

> A ignorância não pode servir de álibi a ninguém para violar a gramática, a Constituição de nossa língua. Entretanto, as transgressões da norma culta são recursos às vezes indispensáveis a romancistas, contistas, poetas.

2.9 Pleonasmo

É a repetição de palavras ou idéias já expressas, todavia, seu emprego só se justifica no caso de pleonasmo estilístico, para dar maior ênfase, salientar um pensamento ou sentimento, realçar idéias ou embelezar uma frase.

Quando sua utilização nada acrescenta à força de expressão, em face da inobservância do sentido exato dos termos empregados, ou descuido, é um erro grosseiro:

Voltar para trás.

Ver com olhos.

Descer para baixo.

Subir para cima.

Ir pescar peixes.

Sair para fora.

2.10 Preciosismo (Arcaísmo)

É o uso de linguagem rebuscada, muitas vezes ridícula e antiquada, prejudicial à clareza e naturalidade da frase:

A *genitora*, *marejada* de lágrimas, redigia uma *epístola* ao saudoso *mancebo*.

A *récua* (rebanho) do fazendeiro era composta de *alimárias* (animais) gordas, algumas das quais foram atacadas por *sanhudas* (feroz) e faminta *alcatéia* (de lobos).

Não me importa que a *azêmola claudique*. (que a mula manque)

Citamos também, como exemplos:

heréu=herdeiro	amades= amais	teúdo=tido	coita=angústia
adur=dificilmente	avença=concórdia	hostes=inimigos	ucha=arca
asinha=depressa	comunal=comum	manteúdo=mantido	manceba=mulher jovem

Para Silva (2007, p. 53), devemos ter cautela, quanto à utilização de referidos termos:

> Palavras de uso raro e coletivos que poucos conhecem infestam a língua portuguesa e já serviram de *grife* a modos de falar e de escrever que, por falsamente refinados, enganaram os incautos.
> Mas, em busca da simplicidade no estilo, não teremos caído no outro extremo, em excessiva simplificação, com o fim de, indulgentes com leitores despreparados, sermos cúmplices de ignorantes?

2.11 Provincianismo (Regionalismo)

São modos de falar de origem propriamente local, caracterizando cada região.

Como exemplo, temos no Estado da Bahia, a utilização das expressões:

- *me deixe; ó chente; me dá.*

No Pará é costume o trocar do som do *ô* e do *ou* por *u* e vice-versa, dizendo-se:

- prua por proa; cuco por côco; bui por boi.

Em Portugal, na região do Minho, ocorre a troca do *b* e *v*:

- *berde* por verde; *binho* por vinho; *bisconde* por visconde.

2.12 Neologismo

São palavras ou expressões recentemente criadas ou introduzidas, por necessidade de melhor especificação, que procuram firmar-se tanto na língua coloquial como na língua culta e literária.

Devemos evitar o neologismo mal formado e pretensioso, como as palavras: showmício, buzinaços, palenaços, bebemorar.

Observamos tratar-se de uma fonte inesgotável, que enriquece o nosso idioma, atendendo as necessidades vocabulares no progresso permanente da ciência, da arte, da indústria, do comércio e das relações sociais.

Exemplos:

- telex, fax símile, xérox, internet, windows, word, mouse, click, browser, e-mail (abreviação de eletronic mail, correio eletrônico)

Para Sacconi (1990, p. 100), os neologismos

> surgem por necessidade de momento. Para serem incorporados ao vocabulário do idioma é necessário que: primeiro, sejam bem-formados, de acordo com os princípios da língua; segundo, que não possuam equivalentes no idioma.

Segundo Pasquale & Ulisses (1997, p. 110), são condenáveis

> abusos de estrangeirismos decorrentes de afetação de comportamento ou de subserviência cultural. A imprensa e a publicidade muitas vezes não resistem à tentação de utilizar a denominação estrangeira de forma

> apelativa, como em expressões do tipo *os teens* (por adolescentes) ou *high technology system* (sistema de alta tecnologia).

Observou Silva (2007, p. 175)

> Às vezes é o nome da pessoa que vem parar em nossa língua e passa a funcionar como substantivo, de que são exemplos holerite, brechó e gari. Holerite procede do nome do inventor da máquina para imprimir o contracheque, o engenheiro norte-americano Herman Hollerith. Deu-se o mesmo processo com brechó e gari, palavras que vieram de sobrenomes de pessoas. De Belchior, proprietário do primeiro brechó, e Gary, do sobrenome dos irmãos Luciano e Aleixo Gary, que venceram a concorrência pública para recolher o lixo do Rio, ainda nos tempos imperiais.

3 OCORRÊNCIAS NO COTIDIANO

Os vícios de linguagem não são notados no nosso dia a dia, mas por meio de análise dos termos utilizados podemos facilmente identifica-los, inclusive, em anúncios e propagandas.

Citamos a questão da casa *germinada* quando o correto é *geminada* (que vem de gêmea), porque germinada vem de germe (contaminação=sujeira).

Selecionamos outros exemplos, como: "serviço de *metereologia*", o correto é *meteorologia* (que vem de *meteoro*), assim como *largatixa*, o correto é *lagartixa* (que vem de *lagarto*).

A expressão "*devagarinho* vou construindo a casa", quando deveria utilizar devagarzinho. As palavras oxítonas recebem o sufixo *zinho*: colar, colarzinho; amor, amorzinho; devagar, devagarzinho.

Observamos que habitualmente algumas as pessoas falam: *tomar um chopes; mascar um chicletes; sentir ciúmes*; quando o correto é: *tomar um chope; mascar um chiclete; sentir ciúme.*

Curiosamente, detectamos a redundância em uma frase muito utilizada no meio jurídico, que diariamente faz uso da norma culta:

"*estar em lugar incerto e não sabido*" (lugar incerto significa lugar desconhecido).

Outro exemplo ocorre com professores, em salas de aulas: *"vou repetir outra vez tudo isso"* (repetir já significa, por si só, outra vez, novamente).

Acrescentamos, no caso do ensino, a habitual definição de uma ilha: "*porção de terra cercada de água por todos os lados"* (se está cercado só pode estar por todos os lados).

Como também "*tomar uma canja de galinha*", só canja seria suficiente, a não ser se *"tomar um caldo de galinha".*

Ressaltamos que vícios de linguagem também ocorrem em propagandas, por erro de concordância ou como forma de atingirem o público, utilizando-se das variações regionais.

Nos anúncios de imóveis, temos: "*vende-se casas"* em vez de "*vendem-se casas"; "aluga-se apartamentos"* em vez de *"alugam-se apartamentos".*

Consignamos outros anúncios:

"*dá-se aulas particulares de matemática*" em vez de *"dão-se aulas particulares de matemática"* - o verbo vai ao plural quando o elemento seguinte está no plural;

"*precisam-se de professores*", quando o correto é *"precisa-se de professores"* – se há uma preposição entre o verbo e o elemento no plural, o verbo fica no singular.

Verificamos a criatividade, em uma propaganda, para a venda de um guia de serviços, adaptando-se de acordo com a região onde vai ser divulgada:

Em Minas Gerais: "*Estava na hora de Minas ter um trem destes."*

No Rio Grande do Sul: "É um baita Guia.Tchê."

É comum na linguagem coloquial a indicação de grau dos numerais, observamos na seguinte frase, uma peculiaridade no jornalismo esportivo:

O time está arriscado a ir parar na "segundona." (= Segunda Divisão)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos que muitos vícios de linguagem ocorrem por falta de conhecimento da norma culta, pela deficiência na leitura e escrita, utilizando mais a fala e em conseqüência ocasionando a pronúncia viciosa.

Percebemos que, muitas vezes, não é dada a devida importância em transmitir corretamente os termos e expressões, tendo em vista que, mesmo errado, ocorre o entendimento.

Observamos que o fato de aportuguesar a maioria das palavras estrangeiras decorre da dificuldade em conhecer a pronúncia correta.

Os vícios de linguagem, quando passado muito tempo na sua utilização, perpetuam-se, como o modo de falar, caracterizando uma Região.

Constatamos o uso desses vícios de linguagem por jornalistas e propagandistas, como forma de transmitir uma mensagem mais simples e de comum entendimento, principalmente no que se refere ao regionalismo.

Acreditamos que incentivar a leitura e a escrita contribui para evitar esses erros, bem como, tornar constante o uso de dicionário nas aulas, com o intuito de desenvolver habilidade de substituir termos estranhos à norma culta, por sinônimos já existentes.

Em face desses erros passarem despercebidos no cotidiano, em propagandas, noticiários e programas de televisão, sugerimos, como auxílio no aprendizado, a realização de pesquisas, por parte dos alunos, com o intuito de identifica-los, apontando as respectivas correções.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 45.ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1997.

CRUZ, José Marques da. **Português Prático – Gramática**. 29.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 9.ed. Rio de Janeiro: FAE, 1983.

GONÇALVES, Maximiano Augusto. **Questões de Linguagem**. 11.ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1968.

LEAL, Antonio de Sousa. **Grafemos...**. 25.ed. São Paulo: Hemus, 1973.

MAIA, João Domingues. **Gramática – Teoria e Exercícios**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1983.

SACCONI, Luiz Antonio. **1000 Erros de Português da Atualidade**. 4.ed. Ribeirão Preto: Nossa Editora, 1990.

SILVA, Deonísio da. **A língua nossa de cada dia.** Osasco: Novo Século, 2007.

SQUARISI, Dad. **Dicas da Dad – Português com Humor**. 2.ed. Brasília: Correio Braziliense, 2001.